

RAZÃO

Director e Editor: — LUIS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 2 do 4.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 16 de Janeiro de 1927

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — FAFE

... o abôrto

Já depois dum último escrito nosso sobre a E. I., apparece-nos o illustre Hermes, vulgo "O Mitondes", gastando n' "A Velha Guarda" 3 colunas e meia de prosa, triste prosa sem nexo, sem finalidãe e sem ideias.

Arma o pobre em psicólogo e em gramático!

Disseram-lhe um dia que era inteligente, meteram-lhe uma caneta nas unhas e ei-lo a rabiscar prosa grotesca que é aproveitada por certos jornais para encher, á falta de assunto ou de melhores colaboradores. Até parece incrível como lhe aceitam aqueles enormes distates!

"Mitondes, tibias e peroneos ismaelitas, Bermudes com plectros a tremicar, fedungosas hurras", enfim uma caterva de asneiras que envergonhariam qualquer aluno da primária geral!

Aceite um conselho, snr. Hermes, deixe-se destas coisas.

Cada um nasce para o que é fadado e, com franqueza, o amigo não nasceu para escrever qualquer coisa com geito ou que sequencia tenha.

—Quiz o illustre Hermes caçar-nos em erro gramatical.

Não admira, admiravel Hermes, não frequentamos as escolas maravilhosas que frequentou.

Não pretendemos sêr puros na linguagem, mas gostamos de sêr claros. E, para falar claramente, vamos pôr ponto final na polémica—o mui notável Hermes gosta destes palavões—

porque não estamos para aturá-lo. Aconselhamos-lhe a que leia melhor, mais devagar, para melhor perceber o que lê. Para finalizar, olhe que é para finalizar (!), indicamos-lhe, para bem lêr, as entrevistas com o Snr. Director da Escola Industrial e publicadas em "O Primeiro de Janeiro" de 5-8-925 e em "A Epoca" de 14-9-925.

E boa saúde.

Umás ultimas palavras sobre a E. I. Não temos animosidade alguma contra a dita Escola. Rejubiliariamos se a vissemos enveredar por aquêlê caminho que deveria trilhar e de que anda arredada. Como está, os resultados são pouco proficuos. Chamamos a atenção dos leitores e dos compadres de "A Velha Guarda" para as entrevistas acima citadas. Felicitamos o "Jon" do "Pro-Vimarane" pelos brilhantes artigos que sobre as Escolas Industriais vem publicando.

Concordamos plenamente e folgaríamos se toda a imprensa local, sem excepções, o acompanhasse na sua louvavel campanha.

As Escolas Industriais sem oficinas são corpos sem alma.

A. G.

TOMANDO POSIÇÕES

São verdades amargas estas que somos forçados a revelar: a obra governativa não é nenhuma e o povo já vai desconfiando dos seus salvadores.

Afóra um ou outro decreto menos máu — nem sempre tudo é péssimo — o resto tem sido lenitivo que ao doente nenhum efeito produz, antes, pelo contrário, lhe provoca depauperamento que mais rápidamente o levará ao túmulo.

Ass'm mesmo. Até fazem lembrar os caloiros de Medicina, enfatuados como incompetentes, a darem-se ares de médicos e a formularem receitaário que nem ata nem faz mal, quando é do dominio público que a sua sciência não vai além das físicas, das químicas e das naturais.

Critério, zêlo, nítido pensamento, força e competência, onde encontrar tais valiosos predicados nos espiritos dos governantes!?

Paras mésinhas, simples formulário de quarta página, purgante de menor ou maior violência, pilulas de aspirina e cachets do Dr. Faivre...

Se nos é dado o direito da louvamincha, o snr. João Belo tem feito obra que merece aplauso e que, embora por vezes falhe pela política geral do governo, traduz a vontade da maioria dos portugueses e dos republicanos.

Se nos permitem a crítica, diremos que a restante acção dos salvadores é reaccionária, confusa e ineficaz. E assim...

Vejamos a reforma da instrução secundária de Ricardo Jorge, Filho, e apreciemos o que sobre ela disseram os snrs. Drs. António Sérgio e Eduardo d'Almeida — dois espiritos bem cultos e dois homens que nada devem à República;

Ouçamos o desespero dos funcionários da Justiça e pesemos aquelas graves palavras que deixam transparecer desgosto e repulsa pela reforma judiciária — o novo Filmer a impôr o absolutismo stuartiano;

Reparemos nos abônos, nos dumentos fiduciários e nos empréstimos ruinosos e lesivos para o Estado, abafados pela vertigem das jantaradas picantes e onde as afirmações de lealdade atingem o delírio — o caos financeiro;

A representação da farça de Genebra, a redução da dívida á Inglaterra que torna caricata e ridícula a política exterior;

O troar daquelas palavras desagradáveis que queimaram as veneráveis bochéchas do snr. Ministro da Agricultura — resposta á letra a quem nem de couves percebe;

E quem viu má'or descalabro — a «reforma administrativa» correndo parelhas com «a personalidade jurídica á Igreja», a «lei da imprensa» contrastando com a «aposentação ao clero», o «pagamento á Moagem de quinze mil contos» igualando-se com o tal contracto em que há mais dez mil e oitocentos contos, o «empréstimo de sessenta mil contos ao juro de 7% por 30 anos», a «prorrogação feita á Companhia do Nyassa» e o leilão dos caminhos de ferros — que sereias! — a trôco de chorudas percentagens...

Não representa ludibriô e obra má da parte dos salvadores da Nação?!

Ainda não há muito tempo que P. Rodrigues, nosso camarada na gazêta e um belo espirito de cidadão, gritava a um republicano histórico que foi causticado pelas lutas politicas: «Os senhores estão muito bons para entrarem naquêlê túmulo perante o qual a nossa admiração se curve sem limites e cujo epitáfio seja a maior honraria que imaginar se possa; mas deixem-se desta coisa chamada politica. Os senhores estão ainda eivados daquêles vicios do ancien régime e, sendo assim, fatalmente teem de cometer graves erros. Deixem trabalhar os novos! Esses, sim, são quem devem cuidar da politica nacional, visto que são puros e nenhuns vicios lhes podem apontar. E a obra governativa, creiam, será proficua, completa e firme. Onde, falar-se no politico A após a geração de «5 d' Outubro de 1910»? A nossa obra é estenuante com essa vossa teimosia. Além da propaganãa, a defêsa dos vossos actos perante os inimigos politicos».

Pretenderemos, com esta conservação das palavras de P. Rodrigues, renegar a esforço dos velhos republicanos?

Nada disso. O que desejamos, queremos e ambicionamos é a entrega do doente áquêles que se acham aptos a curá-lo. Já estamos fartos de Joêes Semanas e, por isso, só quem sente profundamente o amor pela causa pública, só quem tem a energia precisa para se impôr aos governados, estes estão naturalmente indicados para bem servirem a Nação.

Urge, é preciso e é necessário que jamais appareça um A. Casimiro a afirmar que «em Portugal sofre-se, nos meios ditos cultos, de uma grande crise de ideal». Devemos afastar o marasmo com que pretendem confundir-nos e proclamarmos a nossa força mōça, ainda não deformada pelas fórmulas politicas sem maleabilidade compativel com os tempos modernos, impondo um trabalho bem mais honesto do que o produzido pelos salvadores actuais.

Estamos fartos, e, a continuar, iremos para a guerra! — L. COELHO.

: Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

Mais um rafeiro ...
: ás canelas :

O "Pro-Vimarane", que ás vezes é mais encontra que pró, publicou no seu último número uma história que lhe impingiram criaturas mal intencionadas, sem previamente indagar, como devia, de sua veracidade, dado o pouco respeito que em geral a imprensa tem por quem quer que seja, contanto que se encha o jornal.

Vamos ao caso:
A Camara mandou organizar um orçamento para dois carros de limpêsa, com elementos fornecidos por um construtor de carros. Esse projecto, como todos os projectos, não foi feito para A ou para B: a sua praça foi anunciada nos termos da lei e a ela concorreu publicamente quem se julgou em condições de o poder fazer, e a sua adjudicação coube a quem menor lanço ofereceu, como é da praxe. Não houve chamamento de enteados nem de filhos, nem exiguidade da verba, porque desceu apenas 5\$00 ou 10\$00 escudos da base de licitação, nem se "mandou construir a um dos enteados que tinha visto a impossibilidade de os fazer".

Os carros, sem molas, como se pode verificar pelo projecto respectivo, foram executados de harmonia com o caderno de encargos e competente desenho a êle junto, não faltando a devida fiscalisação, que, não permitiu, apesar de se tratar dos tais filhos, que o construtor impingisse parafusos já muito usados para os travões, obrigando-o a substituí-los por outros novos.

Mas é preciso mantêr o fôgo sagrado do escandalo, e tudo serve para tal fim; como se não bastasse já a trapalhona prosa de "A Velha". E vai esta, exultando de contentamento e esfregando as mãos com riso escarinho, exclama triunfante:—"Cá está mais um; vem do céu aos trambulhões". E zás!

Transcreve-o na integra sob o titulo sugestivo de "Viva a Moralidade!" e comenta o caso a seu modo no intuito único de malquistar, de desacreditar!

E chama-se a isto—a Imprensa!

c.

"E' dever de todo o republicano assinar "A Razão", "A Velha Guarda" e todos os mais jornais que defendem a República".

CONVERSANDO

«Afastou-se, enojado sim, mas daquêles que são contra os partidos, daquêles que pregam a sua maldição...»

Isto é do nosso colega «A Velha Guarda», refere-se ao grande republicano e grande português Afonso Costa, e vem como resposta a um artigo que aqui escrevemos, no qual dizíamos que muitos e bons republicanos se tinham afastado da actividade política, por não concordarem com a orientação dos partidos.

Diz ainda «A Velha» que não se afastou, o mesmo republicano, da vida partidária e, tanto assim é, que faz parte do directório de um partido.

Porque será que os jornais, mesmo republicanos, dizem a cada passo: «Vai ingressar de novo na vida política» ou «Não volta, por enquanto, á actividade política o snr. Afonso Costa?»

Necessariamente, pela corriqueira razão de não estar na actividade política.

Membro de um directório? É uma maneira de caçar môscas, como qualquer outra. O que se vê, é que o illustre democrata se importa tanto com essa função, como se importou com a de deputado, quando não quis ocupar o seu lugar na Câmara. Isto é o que se vê, o que se sabe, o que se apalpa: é a verdade.

«Afastou-se, sim, enojado, não dos partidos com os quais já se prestou a governar o País, só tendo desistido por reconhecer que não os podia unir para uma plataforma mínima de governo...»

O itálico é nosso, o resto é de «A Velha Guarda». Estamos na nossa: o dr. Afonso Costa não regressou á actividade política. A causa? Não ter conseguido harmonizar os partidos—os partidos—para formar o ministério que a República reclamava; que ele, Afonso Costa, julgava necessário.

Estamos na nossa. Sempre os partidos.

E vai, depois, que disse Afonso Costa? Isto: Afastava-se enojado, sim, não dos partidos, mas dos que o não tem. Disse-o ali a «A Velha» e ela afirma-o sem hesitação.

Corrida esta lebre, vamos adeante. Dando de barato que Afonso Costa estava e está, e ha-de estar, na actividade política, que me diz «A Velha» dos outros, dos muitos outros que, como Marques Guedes, durante anos, se afastaram da politica activa e dos partidos? Aquilo não é resposta; é sofisma. Tal e qual.

Não tema o colega os nomes feios. Bem sabe que,

desde que não nos maltrate, não o maltrataremos. Aqui responde-se á letra, lá isso é verdade; mas com propriedade e sem destempêros.

Nunca aqui se pregou a maldição contra os partidos—excomunhões e maldições só os sobas negroides as praticam nêstes tempos de descrença e de pedantismo.

O que aqui se causticou foi a pessima orientação política dos partidos. Causticou-se e ha-de causticar-se, se ela, de futuro, for a mesma. Quando tivermos vagar, transcrevemos o que desses partidos e do parlamento por eles formado disse Marques Guedes. Teimo em citar Marques Guedes, por me parecer insuspeito; mas devo declarar que os testemunhos são aos cardumes.

Adeante. Com que então, fomos nós, os independentes, que afastamos Afonso Costa?

Fomos nós que o escorraçamos, que lhe assoalhámos a vida particular, que lhe destruimos a casa, etc, etc, etc? Chama-se a isto batêr com os olhos fechados. Batêr, mordêr, cuspir, como doido furioso livre de camisa de forças.

Não, creatura; nada disso. Foi a paixão partidária, a intolerância política, a cegueira política, que praticou os desatinos de então. Foram monárquicos facciosos e facciosos republicanos que levaram a cabo essa monstruosidade. Bem o sabe o escriba; mas, como não havia outra pedra para nos atirar, agarrou-se áquela.

É de uma infantilidade, ou de um descaramento, invulgar... Apre! É, a propósito: quem estas linhas escreve, fêz todos os possíveis sacrificios para combater eficazmente a revolução sidônista.

De armas na mão, e sem nada devêr e sem nada querêr da República, foi até onde lhe foi possível ir. Este amarelo, êste independente, fêz isso. Durante o sidonismo usou da pena (e de mais quaisquer coisas) para o batêr. Nem ameaças, nem sacrificios, o faziam recuar.

Outros, que não eram amarelos, não fizeram tanto. Não eram amarelos, mas eram côr de burro quando foje.

Estes amarelos, êstes independentes!... Constituíram gnerilha nos tempos de Sidónio; defenderam com unhas e dentes a República. Hoje, são ainda eles que veem á liça, em primeiro lugar, para honra sua e da República. São eles que, sem colherem benesses ou sinecuras, tomam os postos

mais perigosos: são eles que, como o nobilíssimo Raul Proença, tudo sacrificam pelo seu ideal. São êsses os que o plumitivo quer atingir? Foi de ricochete, que o diabo tece-as.

Os lugares públicos que lhes caem nas garras...

Mas, que lugares públicos podem cair nas garras dos que nada querem dos partidos? Se eles, os tais lugares, são poucos para os partidários...

E', simplesmente, quiotesco. Outro officio.

Lêram? Vem em «A Velha», chama-se «Com nêjo» e traz no exórdio a marca do curro. Devia estar com nêjo o autor, que só o muito nêjo pode justificar um vômito daquêles.

Não discute, diz a coisa, com quem é de craveira moral inferior, etc., etc.

É pôr-nos muito por baixo e, se valesse a pena—não insulta quem quer protestariamos. É que nos magôa o confronto com quem de moral só tem... a caveira.

Mas, não vale a pena. Este menino, que arma agora em craveira moral, não argumenta—insulta; não refuta—diz grosserias. E, depois, desata a berrar que não quer palavras feias, que aos seus castos ouvidos de craveira moral não soam bem os nomes feios.

Faz o mal e a caramunha, o engraçado donzel, que na sua candura, na sua inocencia—ressuscita, ó Bernardim, e faz agora o menino e môço—arranjou nova urdidura para os tramadas da insídia, da má-fé, e entra, candida e craveiramoralmente, pela vida particular do próximo—aqui não empregaria eu o *semel ante* das escrituras—e cospe e enxovalha, para, ao fim e ao cabo, desatar a choramingar que o maltratam, a êle que é craveira nessa coisa da moral.

Alma feita de luz do luar e do perfume das rosas, os nomes feios carregam-lhe de rubôr a face e de nódoas de *piche* o coraçãozinho puro...

Por isso êle não discute mais, não quer mais discussão com a gente, com êstes a quem êle, o donzel, na sua candura e inocencia, tratou de imbecis para baixo e de imbecis para cima...

É bem feito. No seu lugar, já há muito nos teriamos metido na... redoma.

E quem é êle, o donzel de alma feita de luz do luar e do perfume das rosas? Alviçaras! Quem é êle, ó sôr Custódio das Dôres?

Ninguém sabe. Por êle o têr dito, só sabemos que é, em moral, uma craveira.

Mais nada. Será o testa de ferro? Huns... Ná!... Aquilo não dava tão pouco.

De modo que, é um illustre desconhecido que nos diz de traz de uma parêde: eu cá sou de craveira moral superior á vossa. Por isso, não discuto!

Novas normas em jornalismo, normas de uma futura reforma moral, em que a responsabilidade individual vai parar aos quintos, é o primeiro termo da comparação anda vestido de ché-ché, ou de dama em oada do tempo de Luiz XIV, a gritar ao despreocupado transeunte: «Eu sou a craveira. Conheces-me, ó aquêlé?»

Ora, bolas p'r'a craveira... Sempre nos aparece cada gabarola!...

Feito o monopólio do sabêr, do talento, da gramática; feitos todos os monopólios possíveis e imagináveis, mal lhes ficaria que não fizessem o da moral. Vamos a vêr que mais que- rerão.

Repetimos: não fomos nós que levamos a questão ao pé em que se vê.

Não fomos nós que lhe demos origem, antes tudo tentamos para que ela não surgisse. Insinuar que a culpa é nossa, é mentir descaradamente. Compulsando «A Razão» e «A Velha Guarda» têr-sehá disto cabal prova.

Não fomentamos a discórdia, nem a queremos; muito pelo contrário. Não tenha duvidas, amigo: a nossa defêza acaba, logo que deixem de nos atacar.

O snr. Sarmento Pimentel escreve em «O Primeiro de Janeiro» que a ditadura na lá tem feito.

Não sabemos se S. Ex.^{ta} esperava alguma coisa da ditadura. Nós é que nada esperavamos, a não sêr que a lição aproveitasse. Vamos a vêr se nos enganamos.

Foi reintegrado nas suas funções de professor do liceu de Vila Real o professor Gusmão. Achamos bem. Mas acharíamos melhor que o governo—que é de republicanos, êle o diz—decretasse a reintegração de todos os talassas que desaccataram a República e as suas leis. Acabava-se a fita e não haveria descontentes. Chama-se a isto—aposto—pacificar a família. Vai bôa.

Crê ou morres! Como não bastasse a excomunhão, que em fralda de camisa, talvez, sôbre «A Razão» lançaram os pontífices do P. R. P. local, vá de impôr como obrigação aos filiados a recusa de toda a especie de auxilio á imprensa que combate o partido. Cheira a intolerancia católica-apostólica-romana que tresanda.

Aquilo até deve sêr copiado de qualquer breve ou bula pontificia.

Deixá-los lá. O que queremos dizêr, repetir é o termo, é que nós não combatemos qualquer partido. Defendem -nos. É diferente. Lá que não assinem, está bem. Agora, que não assinem porque os combatemos, isso é mentira.

Ora, cá está! Quem anda a armar ao pingarelho da politica, quem quer formar patrulha, é o presidente dos intrusos.

O Fraga anda a fazer politica... nacionalista. Até que enfim se sabe da coisa.

É o Fraga, o marotinho, que quer ir a senadôr ou a deputado. E vai. Desta feita é muito capaz de ir.

Que tristêza e que... mêdo! Dizem que crista de galo comida atraz da porta tira o susto...

Mas, então, os outros? Que fazem os que não navegam nas águas do presidente? Os talassas da Comissão, que fazem eles? Dormem ou são de gêsso?

Querem vêr que desta vêz até o meu caro dr. Guilherme chafurda, que chafurda tudo, sem que f que um para amostra?!

Haja serenidade. Verão que a politica local fica como estava. A não sêr que certos irrefletidos continuem a entortá-la. Isso é lá com eles.

—Então, snr. Capitão, que me diz do Pevidem?

—Que, como qualquer parte do concelho, terá da Câmara o que esta lhe puder dar. E breve se verá. Não estamos aqui para outra coisa que não seja servir o concelho.

—É que «A Velha» veio aflita...

—Talvêz para se dar âres. Antes do órgão do P. R. P. local têr falado, já nós tihamos pensado na laboriosa terra do Pevidem. Até seria por isso, por saber isso...

Já não é a primeira vez que dizemos que não publicamos *anônimos*. Este terá o destino que demos aos outros: privada com êle.

O nosso colega «Pro-Vimarane» conta uma história que, a provar-se, bom será que se não repita. Crentes de que quem está na Câmara não é capaz de vergonhosos compadrios, muito nos custa acreditar na veracidade da informação dada ao nosso presado colega. Contudo, a ser verdade o que diz, só se perdem as que caírem no chão.

P. P.

DESGRAÇAS PELA CIDADE

DA MINHA SEARA

A Sociedade Martins Sarmiento

Tenente Albano José da Cruz

"Mais um ano..."

Mais um ano passado na roleta do tempo! Dêze meses que passaram sobre as nossas cabeças, velozes como o sonho, envelhecendos, carregando mais na balança da vida, que levamos—ai de nós!— a sofrer com resignação na esperança terna de melhor voer...

Quantas vezes, na vida, subimos a montanha alta, lá no infinito do Pensamento, para observarmos melhor, mais nitidamente, o que vai lá por baixo, na terra, nas almas e nas coisas; e—que tristeza!—vemos-las mergulhar no abismo da iniquidade, num desalento que é crime, porque até o próprio ar fresco foge delas, arripado do nojo e do tedio da cidade.

Mais um ano! Mais cabelos brancos na cabeça do sábio e do mestre, entreteios no laboratório da ciência de bem cuidar da saúde do mundo moral tão avariada como a paz das nações!

Mais ilusões perdidas no rodar do tempo—esse grande relógio que não para um segundo a marcar no nosso Destino todos os passos, bons ou maus, dados na vida, desta vida feita de sonho e de mistério—; mais esperanças que se apajam para tornar a viverem, numa sucessão sem limites, indeterminável...

Mais um ano! Mais noivas que sonham, lítrias e candiças como alvora-las cantantes de amor e perfume, com uma casinha onde o ladrão tenha entrada em companhia de um filho daquele primeiro e benéfico filho que as suas bocas cobrem de beijos em aléguas de luz e de esperanças como os seus primitivos sonhos de noivas...

Mais um ano! Mais um passo na vida para a eternidade, certo, indiscutível, matemático como a rotação da Terra! E eu penso, de mim para mim, se mais um ano não será antes motivo para tornar mais triste a existência dos homens, mais dolorosa a escala da para atingir a Bondade e o Belo, porque demais tenho assistido à desastação completa de tudo quanto se tenta manter de pé—pois os tempos são outros, a humanidade vive do progresso, e a matéria sobrepõe-se à inteligência moral e espiritual do Sentimento e do Coração.

Mais um ano! Vamos subir a montanha alta, mais uma vez, para vermos morrer lá longe, muito longe, no horizonte sem fim, por detrás do mar, o ultimo sol deste ano que acaba como começou: cheio de catástrofes, de convulsões na alma das povos e das nações: coberto de imprecacões e de maldade, de crimes com o nome de virtudes; de esperanças para uns, de ilusões para outros, de lágrimas e de luto para a grande maioria... Mais um ano! Que cegueira!

Que tem de novidade mais um ano que surge?! Para mim, na vida tem de novo, porque a Terra continua no seu giro, a vida será a mesma de sempre, dolorosa de espinhos, a carregar sobre os nossos ombros, implacável e severa.

Salvo se, e com isto não quero maior o sentimento dos simples e dos bons, com mais um ano que se vai e o outro que chega, os aventureiros esperam pela fortuna no pano verde do escândalo que, não tenham dúvidas, continuará a ser senhor e a imperar como um deus a quem muitos adoram para amenizar a vida que deve viver o ano de 1927.

Pessimista? Sim. O coração tem esse pressentimento, e se não acreditam, subam também a montanha alta e vejam a cidade de dia, a rezezar, de noite, à hora em que só trevas há na sua consciência, a brilhar à luz vermelha da paixão.

considerada de utilidade pública

A Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, foi considerada de utilidade pública pela seguinte portaria, subscrita pelos snrs. ministros das Finanças e da Instrução:

"Considerando que a Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, tem prestado os mais relevantes serviços à ciência histórica e ao ensino e educação em Portugal, mantendo oculto do sábio grorioso que foi seu co-fundador, o dr. Martins Sarmiento;

Considerando que tem já desempenhado serviços públicos da maior importância, como a manutenção de um museu arqueológico e uma biblioteca pública, a guarda das instâncias arqueológicas descobertas e legadas por Martins Sarmiento, a do tesouro da Antiga Cogegiada de Guimarães;

Considerando que a mesma Sociedade promoveu em 1884 uma exposição industrial, que determinou a fundação da Escola de Francisco Holanda, e que mantém a "Revista de Guimarães", de grande importância para os estudos históricos;

Considerando que tem vivido e vive isenta de qualquer caracte de exploração comercial ou industrial como preceitua a lei n.º 1290, de 15-7-1922;

O governo da República Portuguesa, sob proposta dos ministro das Finanças e da Instrução Pública, decreta nos termos da lei n.º 1290, que a Sociedade Martins Sarmiento seja considerada de utilidade pública, podendo assim gosar de todos os benefícios que a legislação em vigor, muito especialmente a lei n.º 1782, de 5-1-1925, confere a tais instituições".

QUADRAS

I

"Quem tudo quer' tudo perde", Diz o rifão popular; —Quanta uva só 'stá verde Por muito alta se encontrar...

II

P'ra mim a sociedade Na balança nada peza; Tudo nela é maldade... E se é má, conservo-a presa.

III

A intriga é a coisa mais baixa Que no mundo pode haver; —Se a pessoa não se agacha Bem vai deitada a perder...

IV

Do meu fim faço questão Por este único sentido: Prefiro um Jacques Clement Ao tal fruto proibido.

1927. L. Coelho.

Anunciai na "A RAZÃO"

MARIA CLARA.

No passado dia 6, no edificio onde actualmente funciona o tribunal, foi inaugurado o pósto médico e laboratório municipais, tendo comparecido o elemento civil e militar.

Belo trabalho da Câmara, representa também uma bela obra do Sub-Delegado de Saúde, Ex.º Sr. Dr. Alfrêdo Fernandes, e certos estamos de que os vimaranenses saberão reconhecer a sua utilidade quando usufruirem as vantagens do pósto médico.

É que, em verdade, a hygiene é a base de tudo que á nossa vida diz respeito, e, impô-la, é benemerencia que ninguém osará reprovar...

Da mesma maneira, combater as terríveis doenças que maltratam vidas e que, muitas vezes, nos-las roubam ao convívio, é sublime tarefa que se engrandece a nossos olhos, é culto cheio de beleza e de amor...

Começam na próxima semana as obras de aformoseamento em volta do Castelo.

A iluminação pública vai sofrer uma notavel alteração, seguindo nos informam.

No palacete Minotes, onde serão instalados os serviços dos correios e telegrafos, desabou um soalho que colheu dois operários, sendo o estado destes muito grave.

Chamam-nos á atenção para o garotio que infesta o jardim do Largo do Trovador e que de tudo ali tem dado cabo.

O "Cine-Chantecler" fez furôr com o réclame do "Fantasma da Ópera" e teve uma casa á cunha.

No teatro D. Afonso Henriques, nos dias 26, 27 e 28 do corrente, a companhia Ester Leão-Gil Ferreira realizará 3 soberbas récitas de assinatura com as peças "Filha de Lázaro", "Outro eu..." e "Triste feia".

Consta-nos que a actual Comissão Administrativa pensa em adquirir uma "maca" das modernas para serviço da cidade.

oiro. Não disse mais, porque o tempo é dinheiro e não está para deitar pérolas a porcos. Porco por porco, são para êle.

Posto isto, vamos ao resto. Sofre comparação o bundo, em que aqui se escreve, com o português deste luminar das letras e do jornalismo? Por esta mostra se vê que êste escreva vestiu penas de pavão, quando se meteu a crítico gramatical. Era bem melhor tratar de dar á boca posição mais humana e menos indecorosa. Trate da fenda, quero dizer, da boca... vertical, ou ate as calças na cabeça, para ninguém lhe ver a anomalia.

Que grande desgraça!... (O sublinhado é nosso).

Assinai

"A RAZÃO"

Nada de confusões; nem literatos, nem prosápios de literatice. Nós cá não negamos a nossa modestia em tais assuntos. Falta-nos tudo: intelligencia, saber, vontade e tempo. Até o tempo nos falta.

Por todas estas razões e ainda por escrevermos, as mais das vezes, sobre o joelho, é que não podemos ter a pretensão de, em absoluto, seguirmos as regras gramaticais, estilísticas, etc., etc. Mas, clareza — uma das condições essenciais da escrita — não falta. Valha-nos ao menos, isso.

Vem isto a propósito de uns sentenciosos rabiscos de H. B. em "A Velha". Aquilo sim.

Aquilo põe de cara á banda os Barros e os Gois, os Camões e os Bernardes, todos os mestres das clássicas eras, todos os Vieiras e respectivas viúvas.

Ora vejam:

"Deixai os bichinhos que o mundo é para todos. Se vivem, não o sabem, nem o chegam a saber. Morrerão porque há-de fechar os olhos para sempre. Oh! Ao contrário até eu queria ser rei. E seria a primeira vítima da troça. Mas é ali onde a ilusão fenece. A ilusão sempre mentiu sem proferir mentiras. Faz ponto na primeira plana do vigarismo. Não há entretanto policia que a capture. E' quasi imensa. Que a policia se tal tentasse seria a primeira a ser vigarisada, se é que o não foi ainda. E' natural que o fosse, porque do contrário acharia espinhosa a tarefa de apresar".

Hein!... Sentencioso tanto, tanto, que até faz pensar em Rilhafoles. A não ser que estejamos em face de algum representante de qualquer tribu australiana, de linguagem omissa, quasi monossilábica, e que se serve da mimica para regular exteriorização da ideia. Se assim é, só uma resposta condigna e, para êle, perceptível, se lhe pode dar: a que corôa a porta de entrada do liceu cá da terra. Mas há mais:

"Quando abriu a boca orizantal..."

E esta? Aboca orizantal?!... Se calhar, êste H. B. tem a boca vertical. Que grande desgraça!... Tem a boca como certos animais tem o... Que grande infelicidade! Este meco é raia, pela certa. Coitado...

Em comparações e figuras nem se fala. Aquela "das lágrimas a estalarem com tal ruido, como se ouvesse partido de duas botijas" é de marca e serve para amostra. Que lágrimas e que botijas!

Nós o que temos, diz ainda H. B., por intenção natural de defesa, é uma seringa de alcance...

Olha o espanto!... Para bocas dessas, para bocas verticais, só uma seringa e de alcance. O clister inventou-se para elas. Bom proveito.

E, para remate:

"Mas não agrada. Agora fazemos pont' neste assunto. Noutra ocasião podemos dissertar por mais largamente sobre êle. Demais, o tempo é dinheiro. Para mais não dizer, simplesmente isto: todo o cuidado é pouco para evitar atritos, irremediaveis confusões. Muitas vezes há equívocos. Depois surgem dificuldades. São estas que queremos evitar. Quando tarde, não recusamos..."

Assim disse Zoroastro, assim prégou a sua vertical boca de

Encontra-se de luto pelo falecimento do tio de sua Ex.ª Esposa, Sr. Elísio Teixeira de Carvalho, o nosso amigo e correligionário, Tenente Albano José da Cruz.

Luís Filipe Ribeiro

Com o garotinho faleceu o menino Luís Filipe Ribeiro, filho do nosso amigo sr. Domingos Ribeiro, tipógrafo da «Lusitana», desta cidade.

Os vossos cumprimentos de pesar.

Joaquim Lopes de Carvalho

No dia 10 do corrente faleceu o Ex.º Sr. Joaquim Lopes de Carvalho, estre-mecido pai do nosso particular amigo e colaborador deste jornal, sr. A. L. de Carvalho.

Contando 88 anos de idade, era muito estimado pelas pessoas que o conheceram e foi muito sentida a sua morte.

«A Razão» envia sentidos pêsames ao nosso bom amigo e colaborador.

P.º António Garcia Guimarães

AGRADECIMENTO

Os abaixo assinados agradecem por este meio a todas as pessoas que, aquiescendo ao seu pedido, se dignaram assistir aos funerais, celebrados no dia 23 do corrente, pela alma do seu falecido amigo P.º António Garcia Guimarães.

Guimarães, 25-12-1926.

Joaquim José de Meira, Alvaro da Costa Guimarães.

P.º Gaspar Roriz.

Agradecimento

A Família do desventurado João Guise, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que compareceram ao seu funeral, vem por este meio tornar público o seu profundo reconhecimento.

Guimarães, Janeiro, 1927.

A Família Guise.

OFICINA DE SERRALHARIA
 (ANTIGA SERRALHARIA DE LUÍS DE PINA)
P. & MAIA, LIMITADA
 Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES
 Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno
 e concertam-se todas as peças para automoveis

GRAND-CHIC
 DE
FRANCISCO LEITE MENDES
 Artigos de Modas, Fazendas Brancas e Miudezas
 43, Rua da Republica, 47 -- GUIMARÃES
 Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

A. J. Ferreira da Cunha
 Praça D. Afonso Henriques (Toural)
 Vendas por junto e a Retalho
 GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madrôa
 Fabrício de Colchas e Tinturaria a Vapor
Freitas, Pereira & C.ª, L.ª da
 Fábrica -- Rua da Liberdade
 Escritório e Depósito -- P. D. Afonso Henriques
 GUIMARÃES

Gonçalves & Castro, L.ª da
 Especialidade de Atoalhados e Linhos
 Largo Prior do Cráto, 6, 7 e 8
 GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES
 DE
Manuel Jesus de Souza
 Praça D. Afonso Henriques
 GUIMARÃES

Como se evita um incêndio?

GRITANDO FOGO!!!?
 ... Exclamação de terror que abala os ma's corajosos e nada evita.

ABRINDO UMA JANELA!!!?
 implorando auxílio e aguardando cheios de aflicção e terror que no-lo tragam?
 ... Minutos que parecem séculos durante os quais nos sufoca o mais artoz sofrimento.

FUGINDO LOUCOS DE PAVOR!!!?
 deixando que o fogo destrua os nossos haveres, a nossa casinha e nos roube, por vezes, os filhos e outros entos queridos?
 ... Desesperada resolução que nos mata de ansiedade e de dor...

NÃO...
 Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas éle se declara. E para isso, **TENHAM EM CASA**

BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO
 como o **FYROUT** em cobre polido e de Esc.: 400\$00;
 o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00 ou ainda **FOAMERA** de Esc. 350\$00 e para automoveis o **VALORCTC** de Esc.: 230\$00

Representante único em Portugal:
NUNO SALGUEIRO -- PORTO

Representante único em Guimarães:
BENJAMIM DE VASBONCELOS -- R. da Liberdade

Antiga Mercaria da Porta da Vila
Pereira & Silva, Lim.ª da
 Especialidade em chá e café
 24, R. da Republica, 28 -- GUIMARÃES

Francisco Joaquim de Freitas & Genro
 Depósito de Tabacos e Fósforos, Papelaria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.
 GUIMARÃES

FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.
 Rua da Republica -- GUIMARÃES
 Depósito da Polvora do Estado
 Vidraria, cristais e louças. Tintas, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
 Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório.
 Preços sem competência

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia
Custódio Vila Nova & C.ª
 Fabrício de Colchas e Atoalhados
 Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES

HOTEL CENTRAL
 (VULGO DA FELISMINA)
THEODORO DA SILVA E CASTRO
 Fabrício especial de Pão de Ló e Doces Finos
 :: Pão de Milho de Superior Qualidade ::
 PRAÇA DA REPUBLICA -- FA FE

"A RAZÃO"
 SEMANÁRIO REPUBLICANO
 Ex.º Sr.